

## **A ATUAÇÃO DA MULHER NO ANTIGO TESTAMENTO E SEU PAPEL NA SOCIEDADE**

### **WOMEN'S ROLE IN THE OLD TESTAMENT AND IN SOCIETY**

*Marivete Zanoni Kunz<sup>1</sup>*

#### **RESUMO**

O texto aborda a atuação da mulher no Antigo Testamento e seu papel na sociedade a partir da história de algumas personagens. A vida delas é explanada para mostrar qual foi a influência e atuação que tiveram na sociedade em que viveram, tanto no sentido positivo como negativo. A proposta de pesquisa é refletir sobre o que a própria Bíblia tem a dizer sobre elas. O mundo muda constantemente e por isso é fundamental estudar o texto bíblico com o intuito de verificar se ele está sendo interpretado corretamente.

**Palavras-chaves:** Mulher. Antigo Testamento. Sociedade. Liderança.

#### **ABSTRACT**

The text addresses the role of women in the Old Testament context by observing a few individuals. Their lives are explained to show what was the role and influence they had on the society in which they lived, both the positive and negative. The research reflects on what the Bible itself has to say about them. The world changes constantly, so it is essential to study the biblical text in order to verify if it is being interpreted correctly.

**Keywords:** Woman. Old Testament. Society. Leadership.

---

<sup>1</sup>A autora é bacharel em Teologia e pós-graduada em Teologia Aplicada pela Faculdade Teológica Batista do Paraná, mestre e doutora em Teologia (Bíblia) pela EST (São Leopoldo/RS) e licenciada em Pedagogia pela UNIJUÍ. É professora de graduação da Faculdade Batista Pioneira (Ijuí/RS) e de graduação e pós-graduação da FTBP (Curitiba/PR). E-mail: marivete@batistapioneira.edu.br

## INTRODUÇÃO

Ladislao afirma que, em todo o Oriente Médio, a mulher não participava da vida pública, com apenas algumas exceções relativas às esposas de reis. Os israelitas no começo da História viviam como tribos nômades. Para estas tribos, a chefia do clã cabia exclusivamente ao varão e o desempenho da mulher estava subordinado a ele. Tal procedimento manteve-se mesmo após a sedentariedade dos israelitas.<sup>2</sup>

A economia da Palestina era pequena e simples, voltada às necessidades cotidianas; desta forma, a mulher ficava dispondo apenas dos afazeres do lar, executando todas as tarefas da casa: comida, confecção de tecidos à família, etc. Não existem muitos indícios de que a mulher tenha desempenhado trabalhos voltados à área do comércio. Em 1Sm 8.13, tem-se a referência de mulheres que seriam tomadas para perfumistas, cozinheiras e padeiras.<sup>3</sup>

Brenner, em seu livro *A mulher israelita*, tendo por base a narrativa do Antigo Testamento, afirma que a posição social das mulheres é regulamentada e está expressa na coleção de leis da Torá.<sup>4</sup> Entretanto, muito poucas mulheres dos tempos bíblicos procuraram atingir posições proeminentes fora de suas casas e de suas famílias, de acordo com as fontes do Antigo Testamento. Dentre aquelas que o fizeram um número ainda menor conseguiu atingir um grau de reconhecimento público.<sup>5</sup> Brenner lembra que “em contraste, as mulheres dos Estados próximos do Leste conseguiam um alto grau de envolvimento político real. Na Mesopotâmia, bem como no Egito, existiram rainhas, embora não em grande número”.<sup>6</sup> Ainda assim, a partir dos textos bíblicos e outros materiais, é possível avaliar um pouco da vida das mulheres no mundo do Antigo Testamento.

### 1. AS MULHERES COMO SERVAS

No meio do povo de Israel a escravidão não era tão estranha, pois o escravo(a) ou servo(a) possuía direitos e até cargos especiais de confiança. Em alguns casos, como em Gênesis 24, um escravo procurou uma esposa para o filho de seu senhor. O que não era permitido era um israelita ter outro israelita como escravo contra a vontade deste. A partir de alguns textos, como Êx 21.2, vê-se que existiam algumas leis que

<sup>2</sup> LADISLAO, María Gloria. *As mulheres na Bíblia*. Tradução de Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Paulinas, 1995. p. 11.

<sup>3</sup> LADISLAO, 1995, p. 15-16.

<sup>4</sup> BRENNER, Athalya. *A mulher israelita: papel social e modelo literário na narrativa bíblica*. Tradução de Sylvania Márcia K. Belinky. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 08.

<sup>5</sup> BRENNER, 2001, p. 12.

<sup>6</sup> BRENNER, 2001, p. 17.

evitavam que o(a) escravo(a) sofresse maus-tratos, bem como algumas leis, como as de Êx 21.14, que mostram que o dono do(a) escravo(a) que o(a) submetesse a maus-tratos receberia o devido castigo. Em alguns momentos, era possível até mesmo a reivindicação da liberdade (Êx 21.26-27).

As famílias que tinham maior poder aquisitivo tinham mais escravos(as). Estes também eram capturados nas guerras (Nm 31.26) ou comprados (Lv 25.44-45). Possuíam, por lei, vários direitos, inclusive ao dia de descanso (Êx 20.10). O escravo poderia ser libertado mediante pagamento efetuado por ele ou por outra pessoa (Lv 25.47-49), mas as mulheres “vendidas como servas permaneciam cativas a vida inteira”.<sup>7</sup> No ano chamado Jubileu havia a libertação de todo escravo (Lv 37-43), mas se este quisesse poderia continuar servindo seu dono. Esta escolha era sinalizada com um sinal feito na orelha do escravo; esse sinal significava que ele havia feito tal escolha (Êx 21.5-6).

Tanto mulheres como homens, no contexto bíblico do Antigo Testamento, além de serem servos ou servas, possuíam seus servos ou servas. Isso pode ser verificado a partir do relato de algumas histórias que seguem.

### 1.1 A serva da esposa de Naamã (2Rs 5)

O texto de 2 Reis 5 conta a história de um homem que foi curado nos dias do profeta Eliseu, por meio da atuação de uma menina escrava. Este homem era Naamã, comandante de um exército inimigo da nação de Israel, ou seja, da Síria. A Síria seguidamente estava em guerra contra o povo de Israel e Naamã era o comandante deste exército inimigo, que atacou a terra desta menina capturada. Os sírios seguidamente faziam emboscadas contra o povo da terra de Israel e levavam cativos homens, mulheres e crianças, os quais eram vendidos como escravos, principalmente em Damasco.

Pouco se sabe sobre essa menina - ou rapariga, como trazem alguns comentários. Algumas informações são encontradas em 2Rs 5.1-3. Segundo Davidson, a declaração da menina (serva) de que Eliseu curaria Naamã<sup>8</sup> não repousava em qualquer caso de cura de lepra, mas apenas na fé que ela possuía no seu poder.<sup>9</sup>

<sup>7</sup> GOWER, Ralph. *Usos e costumes dos tempos bíblicos*. Tradução de Neyd Siqueira. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. p. 61.

<sup>8</sup> Naamã significa “benevolente”. Ele foi apresentado na carta real como “meu oficial”. WISEMAN, Donald J. *1 e 2 Reis: introdução e comentário*. Tradução de Emerson Justino e Vicente de Paula dos Santos; 2 Reis - James Reis. São Paulo: Vida Nova, 2011. p. 182.

<sup>9</sup> ELISSON, H. L. *1 e 2 Reis*. In: DAVIDSON, F. (Edit.). *O novo comentário da Bíblia*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 374.

Naamã não conhecia o Deus de Israel e nem a Sua misericórdia, prova disso é que em seu lar esta menina trabalhava, como escrava. Foi a este homem, por meio desta menina escrava, cujo nome a Bíblia nem sequer cita, que a misericórdia de Deus foi manifesta. Esta menina escrava foi alguém que não permitiu que as dificuldades apagassem a confiança que tinha no seu Deus. Apesar de ser escrava, ela sentia a misericórdia de seu Deus, fato que a fez testemunhar para a sua senhora. Suas palavras foram sinceras e levaram sua senhora a falar ao marido. Assim, a misericórdia de Deus foi manifesta a Naamã por meio de uma menina escrava.

O texto não traz muitos detalhes sobre esta menina, mas certamente pode-se imaginar como foi difícil sua vida longe de seus familiares. No local ao qual foi levada, ela não era considerada - isso pode ser percebido pelo fato de, após ter dado as orientações de como ajudar Naamã e este ter sido curado, não ter recebido recompensa alguma pelo ocorrido. Entretanto, a história desta menina sem nome não passou despercebida aos olhos de seu Deus e a mesma ficou registrada na Bíblia, sendo conhecida até os dias atuais.

Aparentemente, esta pequena cativa, serva da mulher do general sírio Naamã, não tinha muito poder de influência em seu meio. Porém, ela soube agir e ajudou um dos mais poderosos generais da terra<sup>10</sup> mostrando quem era o verdadeiro Deus, tendo em vista que o povo da Síria adorava o deus Rimmon.

## 1.2 Hagar, serva de Sara (Gn 16.1-15)

Davis afirma que provavelmente Hagar foi uma escrava de Sara comprada no Egito (Gn 16.1). Na opinião deste autor, Sara não acreditou que pudesse participar da promessa e isso a levou a lançar mão de recursos humanos. Hagar desprezou sua senhora pelo fato de sentir-se mãe, por isso fugiu para o deserto. Depois, avisada por um anjo do Senhor, voltou para sua senhora, sujeitando-se ao seu domínio.<sup>11</sup> Douglas diz que Abraão, após a guerra dos reis e já com o passar dos anos, com magnífica fé, creu na promessa de Deus de que realmente teria um filho (Gn 15.2-6).<sup>12</sup>

Gardner deixa bem claro que, de acordo com as normas legais da época, Sara, pelo fato de ser estéril, poderia dar sua serva como mulher ao seu marido para que por meio dela fosse constituída uma família (Gn 16.1-2). Mesmo sendo isso permitido, tudo foi

<sup>10</sup> Conforme alguns autores, o texto de IRs 22.34 mostra que foi ele quem matou Acabe.

<sup>11</sup> DAVIS, John D. (Edit.). *Dicionário da Bíblia*. Tradução de J. R. Carvalho Braga. Rio de Janeiro: JUERP, 1996. p. 258.

<sup>12</sup> KITCHEN, A. K. Hagar. In: DOUGLAS, J. D. (Edit.). *O novo dicionário da Bíblia*. Tradução de João Bentes. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 691.

muito desastroso no que diz respeito a questões espirituais, pois Sara não teve fé para crer na promessa de Deus (Gn 15.3-4). O final da história também foi triste tanto para Hagar como para Abraão e para Sara. Abraão amava seu filho e Sara acabou ficando extremamente ciumenta.<sup>13</sup>

Apesar de toda essa história triste, Hagar, sendo serva, ainda recebeu uma bênção do Senhor, pois Ele a ouviu (Gn 16.11) e garantiu um futuro para seu filho (Gn 21.20), por meio de sua maravilhosa graça (Gn 16.13).

A fala de Hagar em Gn 16.13, “... *Tu és o Deus que vê*”, mostra que na sua experiência esta serva aprendeu que Iavé era o Deus visível e por isso temeu.<sup>14</sup> Embora acreditasse que para sua senhora Sara ela era apenas um caminho para cumprir seus planos, Hagar aprendeu que para Deus ela era “digna de atenção”.<sup>15</sup> Foi por isso que Iavé a visitou e ela foi consolada por meio da promessa (Gn 16.10-12) de que sua descendência seria multiplicada e que seu filho seria um homem bravo. Mediante tal visita celestial, sua rebeldia foi tratada e ela retornou humildemente para a casa de sua senhora.

Após o retorno, Hagar serviu Sara ainda por muitos anos - pelo menos 13, conforme Gênesis 17.25. Mas quando Isaque, o filho de Abraão com Sara, foi desmamado (Gn 21.8-9), Ismael e Hagar foram mandados embora. Este foi um dia de festa para Sara, mas um momento difícil para Hagar. Hagar e Ismael partiram com um pouco de comida e um odre de água (Gn 21.14). Ela ficou desesperada quando os mantimentos acabaram, pois pensou que seu filho morreria (Gn 21.15-16). Entretanto, novamente Iavé agiu e ambos sobreviveram. A escrava novamente recebe a promessa de que de seu filho nasceria uma grande nação (Gn 21.18) e ambos habitaram no deserto de Parã (Gn 21.21).

Fuller faz a seguinte afirmação, que serve de conclusão para a história desta serva: “A história dessas duas pessoas ainda é atual, pois trata da preocupação de Deus com os fracos, os desprezados, os pobres, os oprimidos. Ela mostra como Deus cuida daqueles que não fazem parte da aliança, e até mesmo dos que estão, quem sabe, bem longe da fé”.<sup>16</sup>

<sup>13</sup> MOTYER, J. Alec. Hagar. In: GARDNER, Paul (Edit.). *Quem é quem na Bíblia Sagrada*. São Paulo: Vida, 2000. p. 250.

<sup>14</sup> KIDNER, Derek. *Gênesis: introdução e comentário*. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Vida Nova, 2001. p. 119.

<sup>15</sup> “Homem bravo” literalmente significa “jumento selvagem”. HOFF, Paul. *O pentateuco*. Tradução de Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Vida, 2000. p. 57

<sup>16</sup> FULLER, Frances. Agar. In: *Manual bíblico SBB*. Tradução de Lailah de Noronha. Barueri: SBB, 2008. p. 131.

### 1.3 Débora, serva de Rebeca (Gn 35.8)

Débora era a serva de Rebeca que a acompanhou desde que ela saiu da casa de seus familiares e foi ao encontro de Isaque (Gn 24.59). Ela era natural da “Mesopotâmia e viveu na casa de Isaque até a morte”<sup>17</sup> (Gn 35.8).

Esta ama de Rebeca esteve com ela desde criança, sendo possivelmente quem a amamentou. O termo que aparece no texto hebraico para *ama* é o verbo **יָנַא** (*yānaq*),<sup>18</sup> que significa literalmente “amamentar”. Ela esteve junto de sua senhora e de sua família até a sua morte, sendo citada nos dois textos acima referidos, o que certamente demonstra que era alguém especial para a família de Rebeca. O fato de receber um sepultamento digno também revela que ela era alguém significativa na família.

O nome da ama de Rebeca só aparece uma vez nos textos bíblicos. Para alguns autores o nome da ama de Rebeca ser citado em Gn 35.8 revela que o autor tinha interesse no lugar de seu sepultamento, próximo de Betel.<sup>19</sup> O nome que recebeu o carvalho debaixo do qual Débora foi sepultada (Alom-Bacute) significa “carvalho da lamentação”.<sup>20</sup> Assim, evidencia-se que esta ama era especial para Rebeca, pois foi para ela como uma “segunda mãe”.<sup>21</sup>

## 2. AS MULHERES COMO SÁBIAS

A sabedoria é uma corrente de pensamento que se manifestou de vários modos ao longo da história de Israel, tendo mais impacto e proeminência após o exílio. A sabedoria de Israel está baseada na sabedoria das nações circunvizinhas, especialmente do Egito, da Mesopotâmia e de Canaã. Em Israel ela era transmitida de geração em geração.

O significado bíblico de sabedoria provém do termo **חֹכְמָה** (*hokmāh*) e de suas formas relacionadas, como o adjetivo e o verbo **חָכַם** (*hākām* - “sábio” e “ser sábio”) e o substantivo do mesmo. Estes termos são proeminentes em Jó, Provérbios

<sup>17</sup> GARDNER, Paul. Débora. In: GARDNER, Paul (Edit.). *Quem é quem na Bíblia Sagrada*. Tradução de Josué Ribeiro. São Paulo: Vida, 2000. p. 135.

<sup>18</sup> KAISER, Walter C. **יָנַא** (*yānaq*). In: HARRIS, R. Laird et al. *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão e Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 626. Todas as transliterações deste artigo estarão baseadas neste dicionário.

<sup>19</sup> BRUCE, F. F. (Edit.). *Comentário bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento*. Tradução de Valdemar Kroker. São Paulo: Vida, 2009. p. 189.

<sup>20</sup> No hebraico o termo que aparece no texto para Bacute é **בַּכּוּת** (*bākūt*) e significa literalmente “choro”.

<sup>21</sup> CHAMPLIN, Russel Norman. *O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo*. 2. ed. São Paulo: Hagnos, 2001. p. 168-169.

e Eclesiastes.<sup>22</sup> Assim, a maioria dos usos de חָכָם (*hākām*) e de חֻכְמָה (*hokmāh*) aparece nos livros sapienciais.

Em textos diversos do Antigo Testamento, a sabedoria está ligada a aptidões em relação “ao funcionamento das artes, ao aconselhamento, à administração de pessoas ou tarefas ou à sagacidade intelectual”.<sup>23</sup> Isso é verificável em textos como: a) Êx 28.3: os alfaiates que confeccionavam roupas para o sacerdote Arão; b) Êx 35.30-36.2: os trabalhadores que construíram o Tabernáculo - trabalhos com metais, escultores em pedra, em madeira, bordadores, tecelões e designers, e c) Êx 35.25-26: mulheres que fiavam tecidos e linho. Estes textos citados falam, no original, em sábios de coração - חָכָם לֵב (*hākām lēb*). Isso seria o equivalente à ideia de sábios na realização de suas respectivas tarefas.

A sabedoria, quando observada a partir do termo hebraico חֻכְמָה (*hokmāh*), não se referia somente à habilidade ou perícia, mas também à habilidade de aconselhar, administrar.<sup>24</sup> Isso pode ser observado em textos tais como: a) Dt 1.13,15: os anciãos das tribos; b) Gn 41.33-39; Dn 5.11,29: José e Daniel nos seus altos cargos administrativos; c) Dt 34.9; 1Rs 3.12,28; 5.7,12; 10.23,24: Josué e Salomão com a responsabilidade de exercer justiça, tomar decisões certas e proporcionar liderança; d) Ez 28.4,5,17: o rei de Tiro possuía sabedoria; e) 2Sm 13.3; 14.2; 20.14-16: conselhos astutos dados por Jonadabe, pela mulher de Tecoa e pela mulher de Abel-Bete-Maaca; f) Gn 41.8; Êx 7.11: o Egito tinha sábios nos dias de José e Moisés; g) Dn 2.12-14,18,24,48; 4.6,18; 5.7,8,15: a Babilônia tinha sábios nos dias de Daniel (homens associados com feiticeiros e adivinhadores, que interpretavam sonhos e usavam poderes do oculto) e h) Is 19.11: o Faraó tinha conselheiros sábios.

Assim, embora seja difícil definir sabedoria, por meio do termo חֻכְמָה (*hokmāh*) é possível dizer que a sabedoria designa a capacidade, inata ou adquirida, do ser humano de bem conduzir a própria vida. Ela pode sim ser inata no ser humano, mas também é enriquecida com a experiência pessoal, com observações e reflexões, bem como por formas de educação (“conselhos do pai, ritos do clã...”).<sup>25</sup>

O assunto ligado aos(as) sábios(as) da Bíblia revela o modo de usar o saber, ou seja, como um poder ligado a posições adquiridas ou como um dom destinado ao

<sup>22</sup> ZUCK, Roy B. *A interpretação bíblica: meios de descobrir a verdade da Bíblia*. Tradução de Cesar de F. A. Bueno Vieira. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 281.

<sup>23</sup> ZUCK, 2009, p. 282.

<sup>24</sup> ZUCK, 2009, p. 282.

<sup>25</sup> V. V. A. A. *As raízes da sabedoria*. Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1983. (Cadernos bíblicos; 28). p. 16.

benefício de todos. Tal reflexão permite avaliar a importância dada às cosmovisões. É evidente que, nos textos do Antigo Testamento, a maioria dos casos em que o termo “sábio” ou “sabedoria” é utilizado é para referir-se a homens. Entretanto, há alguns casos que podem ser analisados que revelam o uso dos termos citados também para se referir às mulheres.

## 2.1 A mulher de Tecoa (2Sm 14)<sup>26</sup>

Um exemplo pode ser encontrado em 2 Samuel 14.2. Joabe mandou trazer esta “mulher sábia” para ser uma intermediária na reconciliação entre Davi e seu filho Absalão. O texto não traz mais informações sobre esta “mulher sábia”; no original ela é citada apenas como **יִשְׁשָׁבִיט הַחַכְמָה** (*ishshâ hokmâh*). Esta mulher pode ser uma mulher qualquer, conhecida por ser sábia, ou uma mulher bem conhecida, justamente por sua sabedoria. É preciso considerar que Joabe não traria qualquer pessoa para desempenhar tal função; por isso, é muito provável que esta “mulher sábia” fosse bem conhecida. No desenrolar da história (2Sm 14), esta mulher demonstrou, por meio de uma analogia entre uma história pessoal sua e a do rei, que era sábia. Ela, com maestria, soube chamar a atenção e despertar o interesse do rei Davi para sua fala, levando o rei a agir como ela intentava (2Sm 14.21).

## 2.2 A mulher de Abel-Bete-Maaca<sup>27</sup> (2Sm 20)

O texto de 2Sm 20 conta a história de Seba e sua rebelião contra o rei Davi, para que o povo retornasse a sua antiga organização tribal. Seba queria tirar o poder de Judá e entregá-lo para os benjamitas. Após organizar sua casa, Davi deu ordens para que Amasa assumisse o comando, mas ele demorou a se organizar e Seba teve vantagens. Amasa foi assassinado e o comando foi passado para Joabe e Abisai. Seba passou em meio às tribos de Israel e se estabeleceu em Abel-Bete-Maaca (2Sm 20.14), local que Joabe intentou atacar. O ataque à cidade de Abel-Bete-Maaca foi interrompido mediante a intervenção de uma sábia mulher, que prometeu entregar a Joabe a cabeça de Seba (2Sm 20.21-22).

Esta mulher assumiu uma grande responsabilidade: evitar uma grande tragédia e muito derramamento de sangue. Baldwin comenta que “no meio do ataque, que era algo apavorante para os que estavam dentro da cidade, ocorreu uma intervenção

<sup>26</sup> BRENNER, 2001, p. 43-60.

<sup>27</sup> A cidade de Abel-Bete-Maaca é identificada nas proximidades de Hazor, cerca de 8 quilômetros a oeste de Da (BRUCE, 2009, p. 531).

inesperada. *Uma mulher sábia* chamou Joabe. A julgar pela resposta imediata de Joabe, que proporcionaria uma trégua no ataque, deve ter sido possível identificá-la de algum modo como uma representante da cidade, a líder de seu conselho”.<sup>28</sup> Brenner lembra que Joabe imediatamente considerou a fala desta mulher, o que revela algo sobre a mesma.<sup>29</sup>

O versículo 18 deste capítulo revela que este local era bem conhecido em Israel (“... Antigamente costumava-se dizer: Peça-se conselho em Abel, e assim punha-se fim às questões”) e o versículo 19 revela que esta mulher fala em nome de todo grupo (somos...). Ela mesma vai falar com todo o povo (v. 22) - pode-se pensar que isso se refere a um grupo de anciãos.

Baldwin ainda afirma que esta intervenção ressalta “... o papel diplomático desempenhado pelas mulheres no período inicial da monarquia”.<sup>30</sup> O que fica em destaque é que esta mulher, com sua sabedoria, resolveu o problema e evitou uma grande matança. Ela certamente era uma mulher de influência, pois além de falar com segurança com Joabe (... A cabeça dele te será lançada pelo muro, v. 21c), foi ouvida tanto por Joabe como por seu povo ou conselho que, tradicionalmente, era formado por homens. Para Brenner, esta mulher e a mulher de Tecoa “são profissionais, não simplesmente personalidades brilhantes; que são reconhecidas, bem-sucedidas e competentes...”.<sup>31</sup>

### 2.3 A sabedoria personificada como mulher em Provérbios

O tema central de Provérbios é a sabedoria. As palavras “sábio” e “sabedoria” são usadas frequentemente neste livro, chegando a mais de cem ocorrências. Os nove primeiros capítulos de Provérbios apresentam a Sabedoria personificada. Ela procura receber atenção e obediência das pessoas nas ruas e praças da cidade. Ceresko afirma que a “... personificação da sabedoria como mulher permitiu que os autores sapienciais unificassem os vários tipos de sabedoria. Por meio de sua voz, a sabedoria divina fala e ecoa em toda voz humana que enuncia sua própria revelação concreta e específica dessa sabedoria una, seja essa voz do pai ou do mestre, do estrangeiro ou do rei”.<sup>32</sup>

Em Provérbios há a representação da sabedoria por meio da imagem de duas

<sup>28</sup> BALDWIN, Joyce G. *I e II Samuel: introdução e comentário*. Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1996. p. 315.

<sup>29</sup> BRENNER, 2001, p. 45.

<sup>30</sup> BALDWIN, 1996, p. 316.

<sup>31</sup> BRENNER, 2001, p. 47.

<sup>32</sup> CERESKO, Anthony R. *A sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Paulus, 2004. p. 63.

mulheres. Nos capítulos iniciais (1-9) esta mulher é retratada como alguém que sai pelas ruas e praças ensinando (1.20-24). Ela oferece suas instruções para os jovens sendo ainda a representação da insensatez. No final do livro há outra concepção e representação da sabedoria por meio da imagem e metáfora de outra mulher, uma mulher perfeita.

É preciso tomar cuidado para “não fazer um uso acrítico dessa personificação da sabedoria como mulher. A mulher do prólogo que representa a insensatez serve de figura contrastante para destacar as virtudes da Sabedoria, por oposição ao seu comportamento inadequado”.<sup>33</sup> A Sabedoria simboliza aquilo que é bom e de interesse do homem e a mulher do prólogo, tudo o que é perigoso para o homem. O perigo consiste em olhar estas figuras como modelos do bem e do mal, das quais os homens são “beneficiários ou vítimas”.<sup>34</sup>

Ceresko, fazendo uso de Carole Fontaine, escreve:

Assim como a Sabedoria iniciou o livro com promessas de riqueza, felicidade, honra e vida longa como recompensa pelo seguimento de seus prudentes preceitos, assim também a Mulher Ideal e o seu perfeito cuidado do lar representam a realização concreta dessas promessas iniciais, constituindo neste sentido uma adequada conclusão da obra.<sup>35</sup>

Para este autor, a forma como o poema do livro é escrito, ou seja, em forma de poema acróstico,<sup>36</sup> traz a ideia de grandeza, enfatizando que essa mulher é muito competente e tem condições de tornar real ou cumprir com todas as obrigações perfeitamente. Entretanto, “o sucesso dessa mulher é visto da perspectiva daquilo que ela proporciona ao marido e filhos. Pelo perfeito cumprimento dos papéis que lhe são atribuídos pela sociedade, essa mulher é louvada na ‘praça da cidade’”.<sup>37</sup>

Assim, é preciso atentar para o que esta mulher passa a representar, ou seja, ela é muito mais do que uma simples mulher que cumpre fielmente com suas obrigações cotidianas e de esposa. Sua grandeza, seu talento e sua aptidão apresentados ao final do livro podem indicar que ela é um símbolo da sabedoria. No final do livro, esta mulher aparece diferente do início;<sup>38</sup> na conclusão ela reproduz a esposa ideal, além de trazer à memória ou representar um retrato da “sabedoria divina, cuja descrição ocupa os

<sup>33</sup> CERESKO, 2004, p. 63.

<sup>34</sup> CERESKO, 2004, p. 66.

<sup>35</sup> CERESKO, 2004, p. 71.

<sup>36</sup> Uma das características da poesia hebraica é a escrita de forma acróstica. Esse acróstico é construído a partir do alfabeto hebraico e um dos locais que pode ser observado é em Pv 31.10-31. Além deste texto, há outros textos, como o livro de Lamentações, que apresentam esta forma de escrita.

<sup>37</sup> CERESKO, 2004, p. 72.

<sup>38</sup> Brenner também afirma que a sabedoria, nos capítulos iniciais (1 a 9), é descrita sob a forma de duas mulheres, sendo que cada uma possui sua caracterização específica (BRENNER, 2001, p. 55-56).

capítulos iniciais do livro e a quem os jovens estudantes são instados a seguir com todo vigor e a incorporar ao seu próprio ser”.<sup>39</sup> Ceresko faz uma citação de Claudia Camp. Ela afirma que

essas imagens femininas nos Provérbios constituem uma legitimação simbólica da promoção do status das mulheres no período pós-exílico. Com o final da monarquia, o lar emergiu como foco central da identidade e da vida da comunidade judaica. O papel central da mulher na criação e manutenção do lar tornou-se uma metáfora do papel de Deus como Genitor Divino que cria e mantém a morada da comunidade humana.<sup>40</sup>

A concepção e visão acima apresentadas não são consenso entre os autores. Kidner,<sup>41</sup> por exemplo, acredita que esta mulher apresenta um padrão não muito comum, pois ela possui certa posição, muitos bens e servas. É alguém de influência e responsabilidade, algo não muito comum.

## 2.4 As carpideiras e outras

Nos textos do Antigo Testamento, algumas mulheres são chamadas de sábias ou possuem sabedoria por serem reconhecidas como detentoras de uma habilidade especial. Há menção destas mulheres em textos como Jeremias 9.16-22; Ezequiel 32.16 e 2 Crônicas 35.25.

Para alguns autores, como Brenner,<sup>42</sup> o ofício de carpideira era algo ensinado como uma profissão. As mulheres ensinavam este ofício para suas filhas (Jr 9.22). Neste sentido, uma boa tradução para Jr 9.17 seria “mulheres habilidosas” e não “mulheres sábias”, tendo em vista que uma carpideira possuía uma habilidade. Além de carpideiras, as mulheres descritas como sábias, no sentido de possuírem uma habilidade, também aparecem em textos como Êx 35.25.

## 3. AS MULHERES COMO LÍDERES DA NAÇÃO

É possível verificar, conforme relatos bíblicos e alguns comentários, a existência de mulheres que receberam títulos como de juíza e rainha, apesar de não desempenharem o papel. Outras, porém, foram governantes regentes no lugar de seus filhos. Percebe-se que as que desempenharam o papel de regentes o fizeram em uma emergência. Conforme

<sup>39</sup> CERESKO, 2004, p. 72.

<sup>40</sup> CERESKO, 2004, p. 66.

<sup>41</sup> KIDNER, Derek. *Provérbios: introdução e comentário*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1990. p. 177.

<sup>42</sup> BRENNER, 2001, p. 48.

Brenner, isso ocorria quando existia um vazio governamental, no momento em que o rei morria e seu herdeiro direto era muito novo e necessitava de proteção; também quando um rei morria subitamente sem deixar herdeiros ou ainda quando dois irmãos morriam numa sucessão rápida.

No final do período de emergência, o direito de governar retornava ao rei-filho, que era o homem mais próximo à linhagem real. A regente mantinha seu título, mas ficava sujeita à autoridade do novo rei. Isso explica como Asa pôde privar sua mãe de ambos os títulos e dos privilégios especiais ao atingir a idade de reinar. Ao ter em mãos a total autoridade, fez uso da mesma para impor o fim das práticas religiosas das quais discordava. Quando Asa alcançou a idade para reinar, a posição de sua mãe mudou e ela voltou a ser apenas a rainha-mãe. Embora ainda mantivesse o título, ela tornou-se igual às outras pessoas do reino, que estavam subordinadas ao poder do rei.<sup>43</sup>

Brenner afirma que “na sociedade israelita, a mulher não poderia desfrutar de uma posição institucional de influência na corte, a não ser que fosse a rainha-mãe”.<sup>44</sup> As informações bíblicas mostram que era pouco comum conferir uma posição institucional formal à mãe de um rei. Isso era desconhecido em ambos os reinos de Israel e Judá. Então elas poderiam receber o título de גַּבִּירָה (*g'birā* - Dama), mas não se sabe o que isso lhe dava em termos de posição. Deve-se lembrar que nem todas as mulheres reais receberam o título de Damas. Dentre as que receberam tal título encontram-se Jezabel (2Rs 10.13); a mãe de Joaquim (Jr 13.18; 2Rs 24.15); a mãe de Asa (1Rs 15.13; 2Cr 15.16) e Betseba (1Rs 2.13,19).

### 3.1 As mulheres governantes regentes

#### 3.1.1 A mãe de Asa (1Rs 15.2-13; 2Cr 15.16)

Nem todas as rainhas-mães foram tratadas com muito respeito. A mãe de Asa foi um dos casos. Quando Asa fez as reformas religiosas no país, depôs sua mãe do cargo de rainha-mãe. A mãe de Asa, Maaca, havia feito imagens da deusa Aserá e Asa achava que essas coisas eram pecaminosas; por isso, ele destruiu todos os ídolos. Mesmo que Asa não tenha matado sua mãe, ela foi tirada do poder.<sup>45</sup> Bruce comenta que esta foi uma atitude “drástica” porque esta posição representava poder e dava respeito, em

<sup>43</sup>BRENNER, 2001, p. 8-20.

<sup>44</sup>BRENNER, 2001, p. 16.

<sup>45</sup>TENNEY, Merrill C.; PACKER, James I.; WHITE JR, William. *Vida cotidiana nos tempos bíblicos*. Tradução de Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Vida, 2001. p. 38-39.

todo o Oriente Médio.<sup>46</sup> Além disso, o autor lembra que Maaca tinha um posto de autoridade e influência sobre a nação durante o período que esteve liderando.<sup>47</sup>

O texto de IRs 15 mostra que Asa fez o que era correto. Ele se propôs a terminar com os maus costumes dos reis que o antecederam fazendo a vontade de Deus. Foi por isso que Asa erradicou do reino as práticas idólatras e até mesmo as pessoas ligadas a estas práticas, inclusive tirando do poder pessoas de sua própria família, como a rainha-mãe. Neste sentido, o texto de IRs 14.24 mostra que ele terminou com as prostitutas culturais.

### 3.1.2 Jezabel (2Rs 9.22-31; 2Rs 10.13)

Foi uma verdadeira auxiliar e parceira de seu marido Acab. Tenney fala que ela é a mulher má mais conhecida do Antigo Testamento. Era filha de Etbaal, rei dos sidônios. Quando ela casou-se com Acab, príncipe de Israel, mudou-se para Samaria. Como rainha ela impôs seus desejos ao povo. Quis que os israelitas se curvassem diante de Baal; por isso, trouxe centenas de seus profetas para o país e os incluiu na folha de pagamento do governo. Também matou todos os profetas de Deus que encontrou (1Rs 18.13). Elias foi um dos que fugiu para salvar sua vida, mas o piedoso Nabote foi morto.<sup>48</sup> Nabote é morto por ter sua vinha cobiçada por Acab e não querer vendê-la. Jezabel escreve uma carta aos anciãos da cidade, selada com o carimbo real e pede para que eles apresentem um falso testemunho, por meio do suborno de dois homens sem escrúpulos. A ordem é executada e assim Nabote é morto. Os anciãos obedeceram porque a ordem viera com o carimbo real, bem como porque Jezabel era temível.<sup>49</sup>

### 3.1.3 Atalia (2Rs 11.1-16)

Atalia era filha de Acab e neta de Onri. O seu casamento com Jeorão, rei de Judá, resultou numa aliança entre os reinos israelitas do Norte e do Sul, dando superioridade para Israel.<sup>50</sup> Ela foi mãe de Acazias e teve muito poder. Quando seu filho foi morto em combate, pelas mãos de Jeú, ela se apoderou do trono e procurou matar todos os herdeiros legítimos, mas um filho, Joás, escapou. Joás foi criado por

<sup>46</sup> BRUCE, 2009, p. 562.

<sup>47</sup> BRUCE, 2009, p. 643.

<sup>48</sup> TENNEY; PACKER; WHITE JR, 2001, p. 37.

<sup>49</sup> EISENBERG, Joyce. *A mulher no tempo da Bíblia: enfoque histórico-sociológico*. Tradução de Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulinas, 1997. p. 302-303.

<sup>50</sup> KITCHEN, 1995, p. 167.

uma tia e ficou escondido no templo, aos cuidados do sacerdote Joiada. Contudo, ela conseguiu reinar durante seis anos em Judá, com mão de ferro. Quando o jovem príncipe teve idade para ser rei, Atalia foi destituída e morta.<sup>51</sup> Ela exerceu poder sobre seu esposo da mesma forma que sua mãe exerceu sobre Acab.<sup>52</sup>

Atalia agiu com crueldade para manter sua posição de regente e continuar usufruindo das regalias que tinha como rainha-mãe. Bruce afirma que “a rainha-mãe, como mãe do rei e geralmente a mulher predileta do governante falecido, gozava de muito poder e prestígio (cf. 1Rs 2.19; 15.2,10,13 e Jr 13.18), especialmente na menoridade do filho”.<sup>53</sup>

Esta foi uma mulher que atuou de forma cruel e violenta. Suas motivações eram questões políticas a tal ponto que quase deu fim à linhagem de Davi enquanto esteve no poder. Nada a intimidava, nem mesmo a estabilidade da dinastia de Davi, que existia no Reino Sul. Seu reinado chegou ao fim, conforme acima relatado, quando Joás, que havia sido escondido por Jeoseba<sup>54</sup> no templo até a época em que ele teve condições de assumir o trono que lhe era por direito, foi apresentado ao povo. Assim o governo de tirania de Atalia chegou ao fim.

O plano feito pelo sacerdote Joiada revela como era necessário preparar-se para tirar Atalia do poder. O relato pode ser lido nos textos de 1Sm 10.24; 2Sm 16.16; 1Rs 1.25,39 e 2Cr 23. O texto mostra que Joiada buscou apoio dos oficiais e o grupo que estava no comando de cada um dos oficiais (cerca de 100 homens). No dia em que era costume fazer a troca da guarda (sábado) todos prestaram serviço com a intenção de proteger o rei. Quando todos estavam em suas posições, o sacerdote trouxe o rei Joás; ele foi apresentado ao povo e coroado rei. Também foi ungido pelo sumo sacerdote, sendo então aclamado com brados de “Viva o rei!”. Tudo isso foi necessário para conseguir tirar Atalia do trono.

Ao descobrir o que acontecera, a rainha correu para o átrio do templo e viu o jovem rei em pé junto a uma coluna (1Rs 7.21), protegido pelos capitães. Também presenciou a reunião da assembleia, formada pelos sacerdotes, levitas, militares e povo da terra.

<sup>51</sup>TENNEY; PACKER; WHITE JR, 2001, p. 39.

<sup>52</sup>EISENBERG, 1997, p. 307.

<sup>53</sup>BRUCE, 2009, p. 650.

<sup>54</sup>Jeoseba, conforme 2Cr 22, era filha do rei Jeorão. O texto de 2Cr 22.11 mostra que ela era mulher de Joiada; por isso, pôde esconder o menino no templo sem levantar suspeitas. Ela era uma princesa, filha do rei Jeorão e irmã do rei Acazias, que foi assassinado por Jeú. Para Wiersbe, “uma mulher tão piedosa vir de uma família como aquela é um milagre da graça de Deus” (WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo: Antigo Testamento**. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006. v. 2, p. 533).

Indignada, ela rasgou suas roupas e gritou: “Traição! Traição!” (2Cr 23.13), o que era um grande contrassenso, pois a única traidora havia sido ela mesma. Fora do átrio do templo, ela finalmente foi executada pelos capitães.

### 3.2 Mulheres como rainhas

Brenner mostra que a sociedade israelita não admitia que a esposa de um monarca fosse rainha, sendo que as únicas mulheres que a Bíblia reconhece como rainhas são estrangeiras ou hebreias vivendo em uma corte estrangeira, como por exemplo Vasti (Et 1.11-12), que tinha o título de rainha, ainda que não haja conhecimento dela como monarca reinante. A sua substituta também recebeu o título de rainha (Et 2.4,17); foi autorizada a escrever cartas em nome do rei e assiná-las, pondo nelas o selo real (Et 8.8). Porém, isso só foi feito em uma ocasião específica; quem tomava as decisões finais era o rei. Sabá (1Rs 10) também é citada como uma rainha estrangeira, sendo que não era esposa de um rei. As passagens falam nela como falariam de qualquer outro líder homem.<sup>55</sup>

#### 3.2.1 Vasti (Et 1.10-22)

Vasti foi esposa do rei Assuero. Ele organizou uma festa para celebrar seu reinado. O texto de Ester 1.10-11 revela que após muitos excessos, devassidão e tantas coisas, o rei deu ordens à rainha que se apresentasse para exibir sua beleza. Vasti recusou-se e os conselheiros do rei o convenceram de que se nada fosse feito em relação à ofensa que a rainha cometera, o Império corria o risco de todas as mulheres agirem da mesma forma. O rei foi aconselhado a repudiá-la e assim fez.

Vasti, assim como Ester, foi uma mulher de coragem quando disse não ao rei diante de coisas erradas que ele fazia. Ela defendeu sua dignidade opondo-se ao maior poder que existia na época: seu próprio esposo. Vasti se opôs aos caprichos de um monarca que tratou o povo judeu com dureza e que só pensava em si mesmo. Este foi um período no qual o império persa estava no auge e todo esplendor girava em torno do rei, que tentando mostrar seu poder acaba mostrando que não controlava nem mesmo sua própria casa.

Ao contrário do rei Assuero, que era “facilmente influenciado pelos seus conselheiros, tomava decisões precipitadas das quais se arrependia depois, e, quando não conseguia as coisas a sua maneira, ficava furioso”,<sup>56</sup> Vasti sabia o que queria e

<sup>55</sup> BRENNER, 2001, p. 15-16.

<sup>56</sup> WIERSBE, 2006, v. 2, p. 691.

agiu assumindo as consequências de seus atos. Ela mostrou ser uma mulher forte e de caráter; enquanto o rei deu um péssimo exemplo, ela tornou-se um “grande perigo” do bom exemplo para outras mulheres.

### 3.2.2 Ester (Et 2-5)

Ester, uma órfã judia, foi a escolhida para substituir a rainha Vasti. Mediante um concurso de beleza, ela foi a selecionada e escolhida pelo rei. Recebeu a coroa real e assumiu o lugar da anterior.

Foi a personagem central de um dos mais impressionantes episódios da história bíblica. Sua história desenrola-se na corte do rei da Pérsia, Assuero. Ela foi a escolhida para substituir o lugar da até então rainha Vasti. Vasti desobedeceu não querendo se apresentar diante do rei Assuero, numa festa que houve na corte. Como já comentado acima, como esposa do rei, Ester foi capaz de impedir o massacre da raça judaica dentro do império persa.

A história de Ester impressiona porque, apesar de ser a esposa do rei, não detém poder algum em suas mãos. Ela nem mesmo tem o direito de chegar-se diante do rei (4.11). Quando usava o selo real, era em conjunto com Mardoqueu.

Apesar de não dispor de autoridade e ser muito mais “um retrato de mulher do que de rainha que a Bíblia propõe”,<sup>57</sup> ela revelou muita coragem e foi importante para seu povo e para todo seu reino quando escolheu arriscar sua própria vida ao invés de viver tranquila no palácio (4.16). Assim, ela ficou conhecida e é lembrada como uma das mais importantes personagens da história bíblica, sendo a protagonista da história de salvação do povo judeu.

### 3.2.3 A rainha de Sabá (1Rs 10.1-13; 2Rs 9.1-12)

A rainha de Sabá foi uma monarca dos “sabeus” cujo nome não é dado. Viajou até Jerusalém a fim de comprovar a sabedoria de Salomão. Douglas acredita que um dos seus principais propósitos foi negociar um acordo comercial com Salomão, que na época tinha o controle das rotas comerciais e poderia ameaçar as rendas que os sabeus estavam acostumados a receber das caravanas que atravessavam o seu território.<sup>58</sup>

Gardner a apresenta como uma grande soberana daquela época. Afirma que ao visitar Salomão queria testar seus conhecimentos; ao chegar a Jerusalém com todo esplendor, não pôde superar o filho de Davi, ficando fora de si com as respostas de

<sup>57</sup> EISENBERG, 1997, p. 313.

<sup>58</sup> KITCHEN, 1995, p. 1420.

Salomão e sua fé em Deus, bem como pela organização do reino. Além de ter elogiado Salomão, a rainha também louvou ao Senhor, Deus de Salomão. Ambos os governantes vieram a fazer trocas de presentes, demonstraram grande respeito mútuo e admiração pelo Senhor.<sup>59</sup>

### 3.3 A mulher como juíza (Jz 4-5)

Débora foi uma juíza que atuou no período dos Juízes. Ela era diferente de outros personagens citados como juízes, pois foi alguém que efetivamente julgou Israel. Ela era autoridade, o que fica evidente quando convocou Baraque e lhe instruiu como agir, além de acompanhá-lo na batalha. Wiersbe afirma que

Deus havia levantado uma mulher corajosa chamada Débora ('abelha') para ser juíza na terra. Foi um ato da graça divina, mas também uma humilhação para os israelitas, pois viviam numa sociedade de domínio masculino e que desejava apenas a liderança de homens maduros.<sup>60</sup>

No Antigo Testamento, algumas mulheres também receberam o título de líderes militares, como Jael e a já citada profetiza Débora. Elas participaram da mesma vitória. Débora foi usada por Deus para avisar ao general Baraque como os cananeus poderiam ser abatidos; Jael foi quem convidou Sísera para entrar em sua tenda e, quando este dormiu, ela o matou, cravando uma estaca na cabeça dele (Jz 4-5). A morte de Abimeleque também foi atribuída a uma mulher. Abimeleque estava atacando a cidade de Tebes quando se aproximou da porta da torre da cidade para incendiá-la e uma mulher jogou em sua cabeça uma pedra de moinho que rachou seu crânio (2Sm 11.21).<sup>61</sup>

Quanto a Jael, ela era esposa de Héber e convidou Sísera para entrar em sua tenda. Certamente ele acreditou que ali estaria protegido porque “naquela cultura, ninguém ousava entrar na tenda de uma mulher exceto o marido”.<sup>62</sup> Jael tratou-o muito bem dando-lhe leite e cobrindo-o para dormir. Sísera pediu que Jael não contasse que ele estava ali caso alguém o procurasse. Sabiamente, Jael percebeu o perigo e que se desse proteção a Sísera colocaria em risco seus próprios parentes. Por outro lado, Sísera não teria razões para crer que corria perigo, pois Héber tinha boas relações com os cananeus e Jael havia demonstrado hospitalidade. Quando Sísera caiu em sono

<sup>59</sup> GARDNER, 2000, p. 549.

<sup>60</sup> WIERSBE, 2006, v. 2, p. 104.

<sup>61</sup> TENNEY; PACKER; WHITE JR, 2001, p. 36.

<sup>62</sup> WIERSBE, 2006, v. 2, p. 106.

profundo, ela o matou com uma estaca cravada em sua cabeça.<sup>63</sup> Jael foi corajosa e para Sísera ficou a história de desonra, pois “um capitão fugir da batalha era vergonhoso; ser morto enquanto fugia era humilhante; ser morto por uma mulher, porém, era o fim mais indigno de todos (9.54)”.<sup>64</sup>

## CONCLUSÃO

A mulher teve seu papel na sociedade do Antigo Testamento e isso pode ser verificado pelas narrativas apresentadas. Percebe-se que a condição de escravo ou escrava existia na Bíblia. No texto hebraico, o termo que designa escravo é עֶבֶד (*'ebed*), o qual significa literalmente “trabalhar”. Esse termo aparece nos textos bíblicos já em Gênesis. Mas é preciso perceber que o termo também tem o significado de “servir”. Quando falamos em mulheres, as servas são chamadas de שִׁפְחָה (*shiphâ*). Conforme Austel, ainda que não seja tão evidente, é possível que este termo tenha uma associação com מִשְׁפָּחָה (*mishpāhâ*), ou núcleo familiar, mais do que escravos.

A שִׁפְחָה (*shiphâ*) poderia ser a serva que a filha recebia de presente quando casasse; por isso, o termo pode trazer uma ideia mais ampla do que o sentido de “escrava”.<sup>65</sup> Este é o termo que aparece no texto original para fazer a descrição da serva de Sara. Já para a escrava de Rebeca o termo que aparece no texto hebraico é יָנָה (*yānaq*) e está ligado a uma criança mamando, o que seria uma posição honrosa. No estudo de caso de Gn 35.8, este verbo encontra-se no grau chamado hifil, indicando assim o “amamentar”.

Quanto à questão de escravos, Eisenberg afirma: “dois fatores, no entanto, diferenciam fundamentalmente a *servidão* bíblica da *escravidão* antiga: por um lado, ela é limitada no tempo; por outro, ela deve respeitar um certo número de direitos que a lei confere ao *ebed*”.<sup>66</sup> Assim, em meio ao povo hebreu, a *servidão* girava em torno de questões econômicas, limitando o tempo da *escravidão* e também estando ligada a pessoas de origem estrangeira.

Atuando como rainhas-mães (a mãe de Asa; Jezabel e Atalia) vê-se que algumas possuíram autoridade legítima e outras não. Algumas usaram o poder de forma arbitrária e outras não, inclusive recebendo o título de גַּבִּירָה (*gēbīrâ* - *Dama*).

<sup>63</sup> Conforme Wiersbe, “nas tribos nômades do Oriente, eram as mulheres que armavam e desarmavam as tendas, de modo que Jael sabia usar um martelo” (WIERSBE, 2006, v. 2, p. 107).

<sup>64</sup> WIERSBE, 2006, v. 2, p. 107.

<sup>65</sup> AUSTEL, Hermann. *שִׁפְחָה* (*shiphâ*). In: HARRIS, R. Laird et al. *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão e Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 1601.

<sup>66</sup> EISENBERG, 1997, p. 116.

Neste sentido, este termo não era apenas um “título”, mas aquelas que o receberam tinham poder. Prova disso é o fato de Asa retirar este título de Maaca (1Rs 15.13). Vale considerar que algumas mulheres, como Betseba, foram importantes mesmo sem receber este título, pois influenciaram na coroação dos filhos.

Com título ou sem título, fica evidente que algumas mulheres tiveram acesso ao poder de forma excepcional. As rainhas de Israel foram mulheres estrangeiras que verdadeiramente exerceram poder e, infelizmente, agiram como criminosas. Vale salientar que a Bíblia não destaca a condição de “mulher” ou de “estrangeira” das mesmas. Elas agiram como agiram e isto não está condicionado ao seu gênero. Elas agiram erradamente, assim como agiram muitos homens que a Bíblia descreve. Por outro lado, temos o exemplo de rainhas que tiveram acesso ao poder e, mesmo não atuando em Israel, foram dignas do título que receberam. Foram instrumentos para abençoar a nação judaica, embora nem mesmo estivessem na terra natal de seu povo.

Ainda algumas mulheres foram descritas nos textos do Antigo Testamento de várias formas, tais como sábias. A concepção de sábias ou detentoras de sabedoria diz respeito tanto a uma posição em meio a um grupo ou como detentoras de uma habilidade em determinada área. A mulher sábia de Provérbios traz muita semelhança com a mulher sábia de Tecoa e a de Abel-Bete-Maaca no que diz respeito a sua forma de agir e sua persuasão.

Independente do papel que tiveram e de como agiram, as mulheres acima descritas encorajam a reflexão. Foram mulheres que sofreram e atuaram no cenário histórico bíblico. Algumas dignamente e outras nem tanto, mas com influência não menos significativa que qualquer personagem de suas respectivas épocas. Assim, é preciso olhar para estas personagens como outros indivíduos que viveram ou não de acordo com os princípios de Iavé, como indivíduos que podem contribuir para a realidade das suas comunidades. No texto bíblico do Antigo Testamento, ainda que elas não ocupassem uma categoria especial tendo em vista a androcentria da sociedade israelita da época, elas foram pessoas que tiveram sua forma de influenciar, até mesmo como grandes e reconhecidas líderes.

Assim, o estudo destas personagens revelou a atuação que tiveram e, como diz Mary Evans, mostrou que “... a intenção da fé bíblica, à parte de uma descrição geral da religião, não é criar nem perpetuar o patriarcado, mas antes, funcionar como salvação para ambos, homens e mulheres”.<sup>67</sup>

<sup>67</sup> EVANS, Mary J. *A mulher na Bíblia*. Uma reavaliação do papel da mulher na sociedade e na igreja. Tradução de Yolanda M. Krievin. São Paulo: ABU, 1986. p. 28.

## REFERÊNCIAS

- AUSTEL, Hermann. שִׁפְהָ (shiphâ). In: HARRIS, R. Laird et al. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão e Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- BALDWIN, Joyce G. **I e II Samuel: introdução e comentário**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1996.
- BRENNER, Athalya. **A mulher israelita: papel social e modelo literário na narrativa bíblica**. Tradução de Sylvia Márcia K. Belinky. São Paulo: Paulinas, 2001.
- BRUCE, F. F. (Edit.). **Comentário bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento**. Tradução de Valdemar Kroker. São Paulo: Vida, 2009.
- CERESKO, Anthony R. **A sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Paulus, 2004.
- CHAMPLIN, Russel Norman. **O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo**. 2. ed. São Paulo: Hagnos, 2001.
- DAVIS, John D. (Edit.). **Dicionário da Bíblia**. Tradução de J. R. Carvalho Braga. Rio de Janeiro: JUERP, 1996.
- EISENBERG, Joyce. **A mulher no tempo da Bíblia: enfoque histórico-sociológico**. Tradução de Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulinas, 1997.
- ELISSON, H. L. 1 e 2 Reis. In: DAVIDSON, F. (Edit.). **O novo comentário da Bíblia**. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- EVANS, Mary J. **A mulher na Bíblia**. Uma reavaliação do papel da mulher na sociedade e na igreja. Tradução de Yolanda M. Krievin. São Paulo: ABU, 1986.

FULLER, Frances. Agar. In: **Manual bíblico SBB**. Tradução de Lailah de Noronha. Barueri: SBB, 2008.

GARDNER, Paul. Débora. In: GARDNER, Paul (Edit.). **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. Tradução de Josué Ribeiro. São Paulo: Vida, 2000.

GOWER, Ralph. **Usos e costumes dos tempos bíblicos**. Tradução de Neyd Siqueira. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

HOFF, Paul. **O pentateuco**. Tradução de Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Vida, 2000.

KAISER, Walter C. **יָנָאָה** (*yānaq*). In: HARRIS, R. Laird et al. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão e Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

KIDNER, Derek. **Gênesis: introdução e comentário**. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Vida Nova, 2001.

\_\_\_\_\_. **Provérbios: introdução e comentário**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1990.

KITCHEN, A. K. Hagar. In: DOUGLAS, J. D. (Edit.). **O novo dicionário da Bíblia**. Tradução de João Bentes. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

LADISLAO, María Gloria. **As mulheres na Bíblia**. Tradução de Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Paulinas, 1995.

MOTYER, J. Alec. Hagar. In: GARDNER, Paul (Edit.). **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. São Paulo: Vida, 2000.

TENNEY, Merrill C.; PACKER, James I.; WHITE JR, William. **Vida cotidiana nos tempos bíblicos**. Tradução de Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Vida, 2001.

V. V. A. A. **As raízes da sabedoria**. Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1983. (Cadernos bíblicos; 28).

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo: Antigo Testamento**. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006.

WISEMAN, Donald J. **1 e 2 Reis: introdução e comentário**. Tradução de 1 Reis - Emirson Justino e Vicente de Paula dos Santos; 2 Reis - James Reis. São Paulo: Vida Nova, 2011.

ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica: meios de descobrir a verdade da Bíblia**. Tradução de Cesar de F. A. Bueno Vieira. São Paulo: Vida Nova, 2009.